

## **“VOCÊ TEM UMA CABEÇA DE HOMEM”: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO “NAQUELE TEMPO”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Bruno Santos Melo

*Universidade Estadual da Paraíba – bsantosletras@gmail.com*

**Resumo:** Pode-se afirmar que a literatura contemporânea brasileira se apresenta como um espaço de problematizações acerca de questões de ordem de raça, de gênero, de geração, bem como dos ideais preconizados por uma cultura de ordem patriarcal, de maneira a ressignificá-los e atribuí-los uma visão distinta da que se consolidou enquanto parâmetro. Dentre a gama de questões afirmativas na atual produção literária, a consciência do indivíduo em meio ao contexto em que se está inserido e, sobretudo, a produção dos discursos sobre si descentralizada do branco, hétero, burguês, (DALCASTAGNÉ, 2012) se delineiam enquanto aspectos essenciais para a emancipação dos que, historicamente, foram lançados à margem da sociedade. Diante disto, este artigo tem como principal enfoque promover uma reflexão acerca dos papéis sociais imputados à figura da mulher frente aos processos de emancipação que esta atribui para si, embora contrariando, muitas vezes, valores e normatizações do comportamento feminino. A partir das relações estruturadas pela protagonista do conto “*Naquele tempo*”, da escritora paraibana Maria Valéria Rezende, em que há o despertar de um amor por um homem que no decorrer da narrativa estranha os posicionamentos tomados pela personagem, questiona-se os moldes que perduram e resistem no que concerne à restrição dos comportamentos da mulher, bem como evidencia a posição da protagonista em prol de seu bem-estar. Como pressupostos teóricos, recorrer-se-á às discussões elencadas por Arruda (2012) e Dalcastagnè (2012) sobre a literatura contemporânea, bem como aos apontamentos de Del Priore (2006), dentre outras, acerca da condição feminina no contexto brasileiro.

**Palavras-chave:** Mulher, gênero, Maria Valéria Rezende, conto.

### **INTRODUÇÃO**

A literatura contemporânea brasileira, tanto no âmbito da prosa quanto no da poesia, tem apresentado importantes problemáticas acerca das bases em que a sociedade sempre esteve alicerçada, de modo a atribuir novas significações às representações que foram instauradas para o outro, sobretudo os grupos que majoritariamente são marginalizados, a exemplo das mulheres, dos negros, dos LGBTs, dentre outros. Portanto, evidencia-se a literatura enquanto um meio de fazer ecoar vozes que, no decorrer da construção histórico-cultural do Brasil, foram violentamente silenciadas, a fim de conclamarem a ascensão de um padrão dominante: o homem, branco, heterossexual e burguês, como

problematiza Regina Dalcastagne (2012) em sua pesquisa acerca do delineamento dos perfis dos narradores de tramas romanescas e contísticas do fim do século XX e início do século XXI.

Diante deste contexto, pode-se afirmar que há a instauração de conflitos, sobretudo os que fazem alusão a questões como representatividade e lugar de fala. Questiona-se e reivindica-se na literatura a produção discursiva em uma perspectiva democrática, de modo a não ser necessária a figura de um mediador para representar aqueles que foram invisibilizados. Assim, a produção literária de Maria Valéria Rezende apresenta-se como um importante meio de fazer-se conhecer realidades múltiplas e heterogêneas que, por vezes tendem a ser subalternizadas e estereotipadas.

As narrativas da escritora paraibana apresentam diversas histórias que trazem como cenário as regiões interioranas do sertão, bem como o contraste entre os espaços dos grandes centros urbanos e a realidade das grandes periferias destas cidades. Como protagonistas das tramas encontram-se personagens do cotidiano, com forte predominância da figura feminina, a exemplo das mulheres donas de casa, das prostitutas, das freiras, das professoras, dentre outras; contrastando, dessa forma, os lugares sociais e o sufocamento da fala das mulheres.

Nesta feita, pode-se evidenciar que a literatura produzida por mulheres põe em voga, a partir da enunciação da própria mulher, os heterogêneos modos de ser e de sentir feminino, sobretudo frente às imposições sociais que tendem a restringir-lhes a uma realidade menor do que a da figura masculina. Com isso, as reflexões neste trabalho terão como objetivos problematizar a construção do ser mulher na sociedade contemporânea que, embora tenha progredido consideravelmente no que concerne aos direitos das mulheres, ainda reverbera ecos de séculos de uma história patriarcalista.

## **METODOLOGIA**

O *corpus* do artigo em questão é o conto “Naquele tempo”, presente na antologia de contos “A face serena” (2018), da escritora Maria Valéria Rezende. A perspectiva metodológica que norteia este trabalho leva em consideração que o texto literário, sobretudo o contemporâneo, dá-se a partir de um construto ideológico e político, que é permeado por vozes que reivindicam os seus lugares, que tendem a ser subtraídos. Dessa maneira, considerando que o eixo norteador deste trabalho é a análise literária, a abordagem utilizada é de natureza qualitativa, e se configura enquanto bibliográfica no que se refere aos procedimentos técnicos.

Para subsidiar teoricamente as discussões aqui elencadas, recorreu-se aos estudos de Dalcastagne (2012), Campos Júnior (2016) e Arruda (2012), a fim de refletir acerca dos aspectos composicionais da literatura contemporânea; Del Priore (2006), a fim de ilustrar a construção dos modos de ser mulher na história do Brasil; Bauman (2005), em uma perspectiva das relações sociais na pós-modernidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A narrativa em questão, narrada em primeira pessoa por uma personagem que não tem seu nome citado, tem como ambientação uma cidade interiorana, na qual há uma criação, pela grande maioria das moças que ali habitavam, de expectativas no que tange à figura idealizada do masculino. O ar juvenil, permeado pela descoberta do amor e suas relações com a amizade, é uma constância no desenrolar da história.

Neste contexto, tem-se a figura de Plínio, o protagonista da trama, retratado como um jovem de vinte e um anos de idade, forte devido aos esportes que pratica, inteligente e rico, pois herdou uma fortuna de um tio-padrinho:

Ele era o alvo de todos os nossos olhares e devaneios. Não das esperanças, que não ousávamos. Tínhamos quinze anos. Plínio Vinte e um. Muuuuuuito mais velho que nós. [...] Sim, tinha olhos verdes, uma covinha no queixo quadrado, era dourado de sol, campeão de esqui aquático e vice-campeão de tênis. Aquelas pernas, aquele peito! E inteligentíssimo! Olhava de cima, condescendente, para todos nós, o resto. [...] Era um *gentleman* culto e *blasé*. (REZENDE, 2018, p. 33)

A narradora, uma das meninas do local, ao referenciar e situar Plínio, desenha o perfil de um rapaz de personalidade forte e disputado pelas meninas. Ser maior de idade era mais um atributo que despertava os olhares e desejos, embora estes não pudessem, até então, serem concretizados. É traçado um estereótipo tido como perfeito para a figura masculina: o homem inteligente, rico e bonito. O personagem estudava na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que o tornou um “*gentleman* culto e *blasé*”, já que nas regiões interioranas o acesso à educação básica foi por muito tempo restrito. O protagonista projeta para si uma superioridade frente aos demais habitantes da cidade, que é reafirmada por estes, de modo que as meninas sequer ousavam criar esperanças para um possível relacionamento com o jovem.



A cidade, que é litorânea, recebia periodicamente diversos navios que atracavam nos portos. As embarcações que vinham de Portugal por muitas vezes transportavam estudantes da universidade de Coimbra, com suas capas pretas, que “ocupavam os sonhos adolescentes” (REZENDE, 2018, p. 34) das garotas. Neste momento, é perceptível o quanto os espaços são bem delineados para o homem e para a mulher na sociedade, afinal, “[...] a ela cabia a identidade doméstica; a ele, a pública.” (DEL PRIORE, 2006, p.260). Dessa maneira, as grandes viagens para estudar e conhecer o mundo era uma oportunidade exclusivamente restrita à figura masculina. Em contrapartida, à figura feminina restava restringir-se ao ambiente doméstico.

Embora diversos estudantes atracassem no porto da cidade, isso não desviava os olhares para Plínio, afinal ele “[...] era isso. Um brilho que não nos cansávamos de olhar. Um olhar que não nos cansávamos de desejar. À distância.” (REZENDE, p. 34). Os olhares nunca eram retribuídos, mas um dia, estando a narradora junto a alguns amigos em uma mesa de um bar da praia, o jovem chega e senta-se na cadeira que estava vaga: “Já não aguento mais esta cidadezinha. Não há mais nada a descobrir aqui. Pequena demais, provinciana demais para mim, que tenho mais lembranças do que se tivesse mil anos.” (REZENDE, 2018, p. 34).

Afirma-se, mais uma vez, como destaca Del Priore (2006), que as oportunidades para desbravar os espaços públicos cabiam ao homem, de modo que Plínio ironiza a pequena cidade, tendo em vista que viajara por vários outros lugares. No entanto, o personagem não contava com um elemento que é o marco para o desenrolar de toda a trama: “Nem pensei. Saiu-me automaticamente, sem hesitação: Baudelaire, *j'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans*” (REZENDE, 2018, p. 34). A narradora-personagem, na situação irreverente, deixa escapar um trecho do poema *Spleen*<sup>1</sup> (1968) do poeta moderno Charles Baudelaire, que traduzido poderia estabelecer uma relação com o que dizia Plínio: “Eu tenho mais lembranças do que se tivesse mil anos”. O protagonista se surpreende, afinal, a garota havia compreendido a referência que fizera em sua fala.

Mediante a citação baudelairiana, toda a turma que estava com ela ri da situação: “Alguns segundos a turma toda pôs-se a rir. Menos Plínio. Ele levantou-se, tomou-me pela mão e puxou-me atrás de si.” (REZENDE, 2018, p. 34). Neste momento, ao tomar a moça pela mão e coloca-la atrás

---

<sup>1</sup> BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e prosa**: volume único. Edição organizada por Ivo Barroso. – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

de si, Plínio tirou-a do meio do grupo e passa a aconselhar-lhe: “Você merece muito mais do que esses garotos vazios. Até que enfim encontrei uma luz para iluminar essa cidade insossa. Onde você esteve escondida esse tempo todo? Como não a percebi antes?” (REZENDE, 2018, p. 34). A partir do instante em que o personagem vê que a garota se diferencia das outras pelo conhecimento que traz, logo fascina-se por ela, questionando-se o porquê de não a ter visto antes. Ela, por sua vez, cede aos galanteios do jovem e, mesmo contrariando sua turma, decide afastar-se dos seus amigos para que possa criar laços com Plínio.

Acerca das relações, que tendem a ser cada vez mais rarefeitas na pós-modernidade, Bauman (2005, p. 69) afirma que “Meu desejo de amar e ser amado só pode se realizar se for confirmado por uma genuína disposição a entrar no jogo para o que der e vier, a comprometer minha própria liberdade, caso necessário, para que a liberdade da pessoa amada não seja violada.”. Este perfil de ceder às vontades do outro pode ser observado na subserviência por parte da personagem às vontades do jovem, de modo que ela se dispõe a deixar de lado os que sempre estiveram consigo para que os desejos de Plínio se concretizem, afinal, segundo o jovem, aquelas pessoas não mereciam a garota. Assim, privar-se da liberdade que tinha até então para dedicar-se inteiramente àquele que, agora era seu namorado, constitui-se com um eixo central no “jogo”, como propõe Bauman (2005).

Tem-se início, portanto, o namoro entre os dois, e

Ele me cortejava, me assediava, aparecia quase todos os finais-de-semana com flores, caixas de bombons e livros de poetas franceses. Insistia para que fôssemos juntos ao clube, ao bar da praia, a qualquer lugar onde todos nos vissem, e pedia-me que lesse poemas, enquanto fumava seu Pall Mall acompanhando as volutas de fumaça com olhar sonhador e suspiros. (REZENDE, 2018, p. 35)

A moça, até então invisível aos olhos de Plínio, torna-se um motivo de orgulho para seu namorado, que faz questão de exibi-la aonde quer que vá. O conhecimento que a moça tinha de poetas franceses era o principal motivo que fazia o jovem apaixonar-se por ela, de modo a diferenciava dentre todas as outras meninas da pequena cidade. Frente ao “relacionamento perfeito”, a moça, embora feliz pela realização de um sonho, passa a questionar-se acerca da sua escolha: “Eu, enrolada em sentimentos confusos, misto de encantamentos, de humildade frente àquela escolha inacreditável, um vago sentimento por não estar inteiramente feliz e de medo do riso de zombaria que eu via.” (REZENDE, 2018, p. 35). Cria-se, portanto uma tensão, uma força ambivalente, pois ao passo que

ela se sente feliz por estar com Plínio, sente falta da vida que tinha, a qual abdicou em prol dos desejos do personagem. Este relacionamento, que foi durante tanto tempo idealizado, passa a ser visto com outros olhos, pois a personagem vira alvo de risadas e deboches dos que eram seus amigos, já que o sarcasmo e a ironia de Plínio o tornava odioso: "Onde está seu intelectual? Não veio neste sábado? Estará escrevendo algum livro de poemas dedicados a você?" (REZENDE, 2018, p. 35).

A partir da instauração desta tensão, a garota relembra, com nostalgia, dos bons momentos que passou com seus amigos e o quanto isto era importante para ela. A partir da convivência com o seu namorado, passa a perceber que ela é para ele

uma espécie de pedestal, de moldura ou de vaso de flores decorando o cenário dele. [...] ficava com uma enorme inveja de quem eu via dançando rock e twist a tarde inteira nos terraços das casas, por onde eu passava com meu namorado maravilhoso a caminho de algum filme francês em branco e preto. Mas eu não sabia como resistir. (REZENDE, 2018, p. 35)

Embora se sinta desconfortável com o estado da relação, marcada por diversas anulações dos seus desejos, a personagem insere-se em uma situação de subserviência, de modo a optar por lançar mão das suas próprias vontades, projetando para si, quer seja consciente ou inconscientemente, uma "vida sem história própria" (TELLES, 2008, p. 403), reduzida aos traços que Plínio delineava para ela.

Pode-se destacar que a participação familiar tem um grande peso quando se trata dos relacionamentos, sobretudo no processo de estereotipação da figura feminina: "Os adultos da minha família e seu círculo social estavam encantados com meu príncipe. [...] Era eu que precisava crescer, amadurecer, aprender a merecê-lo." (REZENDE, 2018, p. 35). Para seus familiares, o incômodo que a jovem sentia se instaurava devido a sua imaturidade, afinal, ele "era um príncipe", e ela não poderia deixar passar esta chance. No entanto, à medida em que o tempo passava, mais ácido se tornava o namoro, de modo que as pessoas que ela gostava só se afastavam, de modo que "Minha vida tornou-se um tédio, um verdadeiro *spleen*, eu poderia dizer naquele tempo. Arrastava-me pela vereda da contradição entre minha falta de gosto por aquilo tudo e a falta de argumentos para acabar com aquilo tudo." (REZENDE, 2018, p. 36).

Em uma tarde de passeio, em que Plínio recitava alguns poemas franceses, e a jovem estava enfadada de tudo isso, desejando estar em uma sessão de cinema, no filme do Tony Curtis, ela dá um



palpite sobre Rimbaud, e o personagem a olha encantando. Ela espera um elogio, mas o que recebe de Plínio é um insulto: “Sabe porque é que eu adoro você? Porque você tem uma cabeça de homem!” (REZENDE, 2018, p. 35). A garota fica enfurecida: “Levantei-me, indignada, agarrei minha bolsa e fui-me embora. Ufa! Livrei-me dele para sempre, sem culpa nem arrependimento nenhum. Morreu cedo um grande amor!” (REZENDE, 2018, p. 36). Assim, tem-se por acabado o relacionamento tão desconfortável que ela vivenciava.

Diante disto, são problematizadas na narrativa diversos aspectos de ordem social no que se refere ao emolduramento da figura feminina frente aos traços pintados pelo masculino. A personagem, que sequer tem o nome mencionado, é representada enquanto uma adolescente que, assim como todas as outras da cidade, sonhava com o “príncipe encantado”, porém, diferenciava-se de todas elas pelo conhecimento que possuía, de modo a conquistar a atenção de Plínio. Historicamente, impôs-se à figura da mulher modos de ser, atrelando ao feminino valores como sensibilidade, fragilidade, emoção e passividade, ao passo que à figura masculina convencionou-se valores como razão, racionalismo, força e insensibilidade.

## CONCLUSÕES

Na produção literária contemporânea “há uma tendência [...] em não mais opor a realidade à ficção, há sim um movimento em unir, misturar e até confundir estas duas categorias, antes antagônicas.” (CAMPOS JÚNIOR, 2016, p. 126). Dessa maneira, em que a linha entre ficção e realidade se torna cada vez mais tênue, a literatura apresenta-se, sobretudo, como um meio de problematizar os diversos valores que tendem a subalternizar e marginalizar todos aqueles que não se enquadram nos moldes delineados socialmente.

Nas narrativas de Maria Valéria Rezende, há a abertura para o diálogo com a alteridade, afirmação das diferenças, em um constante processo interativo no qual a figura do outro é indispensável para a construção das personagens. Assim, na pós modernidade “a coletividade foi substituída pelas pequenas preocupações individuais.” (ARRUDA, 2012, p. 225), de maneira a questionar-se os modos de massificar e homogeneizar as subjetividades.

Nas reflexões empreendidas anteriormente acerca da representação do feminino no conto, a principal preocupação da personagem seria em como pôr um fim no relacionamento que se tornou

abusivo e privativo, que teve seu fim no instante em que Plínio a compara com um homem devido ao seu conhecimento. A maior parte da narrativa é marcada pelo desconforto da garota, devido às restrições impostas pelo seu namorado, aliado à sua passividade, que a impediu, até certo momento, de pôr um fim ao que lhe incomodava. Com o término, não lhe sobrevém o sentimento de tristeza ou arrependimento, pelo contrário, o sentimento que lhe sobrevém é o de liberdade, na certeza de que a decisão tomada foi a mais prudente, emancipando-a enquanto mulher, que põe um fim ao que lhe fazia mal.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. **Estação Literária**, Londrina, v. 9, n. 1, p.220-237, jun. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

CAMPOS JÚNIOR, José de Sousa. Literatura paraibana de autoria feminina: tendências da produção contemporânea. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.) **O conto e o romance contemporâneos na perspectiva das literaturas pós-autônomas**. Campina Grande: Editora EDUEPB, 2016.

DALCASTAGNE, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

REZENDE, Maria Valéria. **A face serena**. Guaratinguetá: Penalux, 2018.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.